

QUAL É O SUJEITO DESTA HISTÓRIA ?

ou

Aventuras e desventuras de um certo "ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha"

(COMENTÁRIOS) Otaviano Pereira.

"Pensar, analisar, inventar, no son actos anómalos, son la normal respiración de la inteligencia." (BORGES, Jorge Luís; "Pierre Menard, autor del Quijote", in *Ficciones*).

0.0 – INTRODUÇÃO

Muitos autores perguntaram sobre a História. Quer em termos genéricos, quer com preocupações específicas: suas cronologias, os movimentos cíclicos e/ou dialéticos de suas manifestações culturais — dentro ou fora de um espaço civilizatório, sua constituição ontológica.¹ Utopistas e utópicos, desde Platão, passando por Morus, Campanella, Fourier, Saint-Simon, Owens, até mesmo Orwell e outros; idealismos, desde o grande sistema hegeliano, sua direita, sua esquerda, caso específico a visão marxista da revolução do proletariado e demais filosofias que nos iluminam ou não na tentativa de descobri-la, seja de que modo for. Haja vista a extraordinária filosofia da cultura de um Ricoeur, as preocupações a despeito de uma civilização ocidental decadente de um Schweitzer, os norteios e desnorteios das indagações de um Bloch ou, mais recentemente, de um Garaudy, a vastíssima erudição de um Spengler ou de um Toynbee, a visão deste último, vazada na sua não menos vasta historiografia, a "violência" das propostas de um Sartre em termos de razão dialética, assim por diante.

A leitura deste ou daquele filósofo da História às vezes pode-nos surpreender no tocante ao fato de que, quando imaginamos estar empreendendo nela um mergulho, dela, pelo contrário, nos afastamos por inconsciência, ingenuidade, inconstância de nossos posicionamentos ou pela mera impossibilidade de uma leitura radical e profunda e igualmente satisfatória do tema em questão.

Mas independentemente desta ou daquela tentativa de compreensão a História parece que está aí. Destarte, desviando-nos de uma preocupação em termos de “conhecê-la diametralmente”, de antemão queremos, antes, “reconhecê-la” como inegável universo mais ou menos compacto, de estruturas políticas. Tal reconhecimento parte, concretamente, da formação e desenvolvimento dos Estados Modernos em que o indivíduo neles se vê sufocado. Caso específico aqui, o indivíduo visto enquanto aquele que pretende se posicionar como **SUJEITO**² na e da mesma História, temendo que o tempo acuse, mais cedo ou mais tarde, a sua omissão mas que gradativamente sente perder a medida de suas reais possibilidades de atuar como agente.

Por isso mesmo reconhecemos que quem tudo faz para levar em frente seus empreendimentos pode chegar à condição de se desvairar em meio à panacéia de uma mente doentia no momento que tenta executar um “furo” nas estruturas marmóreas da mesma História em questão — Moderna ou Pós-Moderna — para se impor a todo custo como sujeito. Ou, outra opção, chegar a uma “consciência” ou pseudoconsciência tão alienada quanto a falta de consciência principalmente por não poder tomar conhecimento de certo estado de solidão que o tempo encarregou de marcar a passagem do homem por uma civilização ocidental que ele arquitetou ao redor de si, este indivíduo cheio de boa vontade e idealismo.

Quando falamos em solitário ou mesmo em louco ou em qualquer outra personagem kafkiana de nosso tempo referimo-nos ao INDIVÍDUO-SUJEITO — ou indivíduo que se pretende fazer sujeito para se livrar do estado incômodo do não-poder-agir e, ao mesmo tempo, não-poder-morrer-sem-ter-agido — na postura em que, cada vez mais, o oprimido se encontra. Oprimido sobretudo em se considerando a relação de distância entre ele mesmo e o poder estabelecido.

Perguntamos, entretanto: quem é ou quem pode ser, de fato, o SUJEITO da História? O homem de posses? o que não possui bens materiais? o legislador? o burocrata? o opressor por si mesmo? o oprimido? o vilão ou o astuto? o ingênuo? ³ o consciente? o alienado? o filósofo? o não-filósofo? o tecnocrata? o artista? o príncipe? o rei? ou o sapateiro, das fábulas infantis?

Neste caso, a genialidade de Cervantes em antever um pesadelo do homem que age na História Humana pode-nos ter revelado, num ímpeto original de criatividade literária onde se mesclam ora a loucura, ora a sanidade, ora o medo, ora o furor ou a paixão delirante, ora a resistência, ora a fraqueza do “necessário” sobre os espíritos afoitos... que talvez não haja mais espaço para a ação do homem livre — supostamente o único sujeito possível — a partir do advento dos Estados Superorganizados politicamente.

É o que tentaremos perguntar.⁴

1.0 — OS MOINHOS DE VENTO.

1.1 — **A despeito das obsessões humanas em busca de seus propósitos.**

A novela de cavalaria da época é o tipo de literatura que enaltece a aventura do indivíduo jactancioso, fato que levou o “valeroso hidalgo Don Quijote” a tantos sucessos e, principalmente insucessos, todos surgidos de uma teimosia inveterada na maioria das vezes incompreendida por seu parceiro de “destinação”, o indolente e

obeso Sancho Panza, sensato ou talvez medroso, não revelador dos mesmos rasgos de loucura em suas promessas.

E o primeiro impacto que o leitor sente diante da "irracionalidade" do "hidalgo" é o da luta contra os moinhos de vento, personificadores de poderosos gigantes armados.⁵

1.1.1 — Tentativa tresloucada de se estabelecer um "furo" nas estruturas do poder estabelecido.

A perda da racionalidade dos fatos em si mesmos incorre em certo descontrolo do senso de equilíbrio que a razão humana arquiteta para poder postar-se diante do real e até de assumi-lo. Cumpre compreendermos na maioria das vezes o verdadeiro estado mental de nossas inventivas. Sabemos que há momentos em que incitamos a mudança dos fatos, de tal modo, que não sabemos se aderimos à loucura, à vexação, ou se permanecemos no estado de lucidez versada em certa frieza da aceitação que nos soa como passividade diante das estruturas do poder preestabelecido.

Aqui nos cabe, por direito, a pergunta: será que a razão e o quietismo se identificam? Onde se encontra, deveras, o senso de racionalidade e onde a fuga dela? Tentamos, em outras palavras, uma mudança que nos exige atirarmo-nos em tal estado psicopatológico ou permanecermos satisfeitos com a racionalidade das coisas de modo como se desfila à nossa frente e, assim, continuarmos imóveis com as estruturas absurdas de opressão sob os nossos narizes? Não seria o estado de aceitação passiva do poder dominante e opressor o eterno momento de espera inoperante — do ideal a que estamos sempre distanciados ou que sempre adiamos?

Don Quijote pelo menos não se entrega ao quietismo e se lança à "aventura" da transformação: "La aventura va guiando vuestras cosas mejor de lo que aceptamos a desear; porque treinta o poco mas, desaforados gigantes..."⁶

Sancho, entretanto, não parece assumir de imediato essa "euforia do irreal" — para ele — ou, esta alucinação consciente" — para D. Quijote — "Mire vuestra merced que aquellos allí se parecen no son gigantes..."⁷

Muitas vezes não sabemos se Don Quijote é louco, ou se apenas é um cavaleiro lúcido mas tremendamente solitário. E, porque padece o mal indisfarçável da solidão que o tempo sobrepõe às suas costas como um fardo cada vez mais pesado, tenta livrar-se d'isto pelo gesto da loucura como ato dissimulador desse sentimento humano crudelíssimo principalmente face ao outro, navegante de mesma proa. O outro mais próximo aqui é Sancho Panza que, em quase momento algum pretende conciliar com o companheiro de viagem seus sentimentos mais nobres. E aí o soldado se torna mais só. Por isso mesmo lança mão constantemente do ato de desespero frente ao imediatismo do real e golpeia o ar com a lança de escudeiro pelo menos para dizer-se livre do incômodo de ver-se parado, inativo.

Ora, a História nos mostra que o "evangelho da não violência não funciona; aliás, nunca funcionou. Neste sentido há de se tentar compreender, sob certo cuidado, os atos daquele soldado armado como atos sensatos.

Ao mesmo tempo somos cientes de que a demagogia da solidariedade ao outro também não leva a nada. Solidário ou solitário, mais uma vez o herói de Cervantes está só. É por isso que podemos indagar se o maior estorvo de Don Quijote é o de lutar afoitamente contra mil gigantes armados — mesmo perdendo — ou ter Sancho como companheiro. Acontece, ainda que se sentindo só, ele não pôde livrar-se da companhia de Sancho em todo o desenrolar do romance. O Quijote necessita da

presença incômoda de Panza. Eis, aí, o lado amargo da questão que Cervantes nos faz ver.⁸

Na verdade, só depois de certificar a dureza do real e sentir-se semidestruído e nunca derrotado, este sentimento, mais do que a proposta do outro, parece que o livra da alienação.

Ou então, se não queremos ver nada mais de profundo na relação de austeridade dos protagonistas da obra de Miguel Cervantes, pelo menos acreditamos que a presença de Sancho Panza serve, nesta novela, para tornar o ridículo um espetáculo agradável, objeto de riso e pilhéria e, ao menos, dar às aventuras de Don Quijote, em todas suas inventivas, aquele caráter de impetuosidade natural aos heróis de cavalaria.

Mas não é só isso, só o ridículo pelo ridículo, o riso pelo riso. Assim que Sancho socorre o escudeiro caído por terra, este põe a nu, num extraordinário diálogo, a "razão" pela qual "optou" por tais aventuras: "Calla, amigo Sancho, que las cosas de la guerra, mas que otras, estan sujetas a continuas mudanzas; quanto mas que yo penso, y es ai verdad, que aquel sabio Freston que me robó el aposento y los libros ha vuelto estos gigantes en molinos por quitarme la gloria de su vencimientos".⁹

Podemos, ainda, ver em Don Quijote um alucinado pelo poder depois de tal resposta? Ou será a loucura mesma, em se tratando de afrontamento do real, uma forma sutil da razão inquietante? E mais: caberia a nós descobrir um defeito fundamental para a razão — o tipo de racionalidade que não desinstala o homem?¹⁰

Poderíamos admitir que o Quijote, tentando introduzir a força de sua mão transformadora, a todo custo, na estrutura do real exerceu a mesma violência do "senso de racionalidade" de seu companheiro de viagem? Noutras palavras, o cavaleiro luta apenas, hipoteticamente, contra a realidade tal e qual se apresenta despojando como inúteis as mazelas do racional — pois, neste caso, quem "pensa" é Sancho — ou é simplesmente tomado de afronta na luta insana contra sua própria razão, para nada mais fazer, senão apoderar-se do real enquanto um absurdo sistema de poder — a fim de adquirir condições para modificar alguma coisa — reservou ao Don Quijote um tempo para autocrítica, ou entendemos isto como consequência do próprio processo de tentar-pôr-os-pés-na-realidade-a-todo-o-custo e sem aliança a qualquer sistema de racionalização ou autoanálise?¹¹

1.2 — Abertura da ação individual a uma sociedade global superestruturada.

Poderíamos admitir certa "violência da razão" em Don Quijote se entendemos sua "insanidade" ou, em sentido mais atual, sua "patologia" manifesta no seu agir e diretamente ligado à questão da "práxis" social, enquanto contrariando frontalmente o outro, seja Sancho Panza ou não, na relação de autoridade num mundo social que o engloba.

Estamos tratando do mundo moderno, vale dizer, do mundo em que os oprimidos pelo poder político emergente não aguardam mais a presença surpresa desse "salvador" Don Quijote, um sonhador montado num cavalo, munido de uma lança, um escudo e acompanhado por um gordo indolente, disposto a lutar e vencer a tudo e a todos a todo custo. Ora, a "práxis" social se liga ao mundo concreto e de modo direto, dos indivíduos que fazem e sofrem a História, cada um a seu modo.

Mas, "quijotesicamente" o que é melhor, fazer ou sofrer a História? Uma "práxis" buscada de forma aloprada como Don Quijote queria é que nos põe este questionamento. Cervantes nos leva a pensar seriamente nos nossos atos porque, em se tratando de tomada de consciência a despeito da posição de nossas ações frente ao mundo social, muitas vezes quando pensamos que estamos criando uma dialética — transformadora — podemos estar é criando algo muito semelhante ou pior do

que a própria falta de consciência ou, algo tão alienado como a absoluta ausência de uma mínima visão das coisas, situação típica daquele que sofre a História sem nem poder se incomodar com ela. A grandeza e atualidade desta obra é que, mesmo projetando um herói alienado ou com propósitos absurdos, ele nos leva a perguntar sobre o sem-número de moinhos de vento que imaginamos diariamente derrubar numa espécie de anti-dialética desprovido de qualquer pedagogia. Assim, os moinhos da aventura encarnam o nosso mundo, nosso dia a dia, mesmo que nós não saibamos, sob mil formas de bichos papões que nos devoram e nos vomitam de imediato para aqui a pouco nos devorar de novo.

Só a consciência clara da "práxis" torna possível aquilo que Sartre reconhece como a "negação entre o ser e o conhecer."¹² Isto equivale necessariamente relacionar o "estado de coisa" do que acontece em dado momento com a razão e ou racionalidade praticada a partir disso ?

Estamos mal acostumados com determinadas palavras: "práxis", teoria, ação, razão, visão das coisas etc. E se estamos a perguntar se a reflexão precede a ação ou vice-versa, não só voltamos ao ponto inicial de nosso questionamento a propósito da dialética¹³ da ação do homem no mundo como também não damos passo algum em direção ao entendimento da "razão" que leva o escudeiro a agir como age e mesmo da posição de seu companheiro que não o abandona, apesar de tudo.

Ao que nos parece Cervantes não manobra seu personagem na gratuidade de certa loucura por ele "inventada" a custo de fazer ficção ou simples pilhéria. Mas por que a "práxis" do herói de Cervantes se mostra a partir dessa aparente falta de pedagogia em querer libertar os que nem sequer sonhavam com qualquer espécie de libertação ? Esta situação, aliás, é muito semelhante à de Moisés nos quarenta anos de peregrinação pelo deserto do Sinai quando se viu confiado por Deus como nos revela aquela narrativa vetero-testamentária — para conduzir o povo eleito, mas cativo, à Terra Prometida, mas distante.

Importante observarmos as palavras esclarecedoras de Sancho Panza quando os dois personagens retornam da mágica façanha: "Abre los ojos, deseada patria, y mira que vuelve a ti Sancho Panza...".¹⁴ Seriam também estas, por exemplo, as palavras de Ernesto Che Guevara se, depois da escalada de Sierra Mestra e dos fracassos das colinas bolivianas, tivesse retornado à Argentina, sua terra natal, de onde partiu em busca da libertação de toda uma América cativa como um único solo unido e não como um conjunto de países ou estados colonizados ?

Este "uf" ! de alívio de Sancho não foi expressão pronunciada pelo "ingenioso" Don Quijote, aquele que queria a todo custo mudar a ordem das coisas. Talvez a única distância existente entre um Quijote e, mais concretamente, um Guevara, seja medida por essa aparente "irracionalidade" sugerida pelo autor. Em todo o caso as aventuras narradas na novela de Cervantes são sempre fantasiosas e memoráveis,¹⁵ mesmo que o leitor esforce em ver nisso tudo apenas um pretenso "desabafo" do grande novelista diante do que se tornaria cada vez mais impossível.

Em referência às estruturas políticas de poder percebemos que estas aventuras nos são apresentadas numa posição diretamente relacionada com a vida dos personagens tal como o novelista os imagina. Há um cuidado muito grande por parte do autor com o que chamaríamos de fio-condutor da narrativa para que o leitor não se perca e perceba o encaminamento dado à estória: a realidade humana posta em cheque por um indivíduo pré-potente com pretensões de alterar — a todo o custo — a ordem vigente das coisas apesar de todo e qualquer obstáculo.

Contemporaneamente se observarmos a estrutura burocrática das organizações de controle do poder a que estamos cada vez mais atrelados, a "tecnoburocracia"¹⁶, na expressão feliz do sociólogo brasileiro L.C. Bresser Pereira, a situação "fantasiada"

pelo novelista espanhol simplesmente não se mostra de modo algum absurda e muito menos desatualizada. A livre iniciativa do indivíduo¹⁷ em busca de seus objetivos, seja por uma maior humanização do mundo social em que viver, seja por uma libertação da opressão econômica, etc., parece-nos cada vez mais impossível pelo menos no sentido em que sugerem as tresloucadas aventuras do “ingenioso hidalgo Don Quijote” na luta contra moinhos que não são de vento — ou de castelos — que não são de areia — da sociedade global.

1.2.1 — Ação individual e projeto governamental

Don Quijote e Sancho Panza “conquistaram” o poder. Depois de tanta parnafenália mental, de tanta luta inglória, colocaram-nos no governo como fantoches do poder constituído. O escudeiro precisava do poder para interromper seu processo de desajuste mental. Os poderosos queriam se divertir um pouco. Uniriam uma coisa à outra.

E com esse “poder” nas mãos os dois não conseguem inovar os objetivos de libertação dos oprimidos dando mostras de que a “mão-de-ão” do verdadeiro poder constituído se encontra fora do alcance das simplórias decisões de um ou de dois aventureiros. Aqui é que podemos atentar novamente para o que chamamos anteriormente de “pedagogia” da História, sabedoria que pelo menos a princípio faltou ao Don Quijote.

Don Quijote, por exemplo, escreve a Sancho Panza, seu homem de confiança, uma notável carta que nos dá mostra de sua real situação diante das estruturas de poder estabelecido, quando se companheiro de aventura fora “nomeado” governador da ilha Barataria. Um texto que também nos ilumina na compreensão das geniais propostas de Cervantes: “Dícime que gobiernas como se fueres hombre, y que eres hombre como se fueres bestia, segun es la humildad con que tratas; y quiero que adviertas, Sancho, que muchas veces conviene y es necesario, por la autoridad del oficio, ir contra la humildad del corazón; porque el buen adorno de la persona que está puesta en graves cargos ha de ser conforme a los que ellos piden, y no a la medida de lo que su humilde condición le incline. Vístete bien; que un palo compuesto no parece palo”.¹⁸

Está clara a idéia de que Don Quijote pretende “dirigir” Sancho Panza mas tanto não sabe fazê-lo como não empreende ação alguma para além das preocupações enraizadas de fato no interior da organização do aparelho político estabelecido pelo Estado apesar das preocupações importantes e bem concretas como esta: “...procurar la abundancia de los alimentos; que no hay cosa que más fatigue el corazón de los pobres que la hambre y la carestia...” e ele se perde em demagogias como esta: “Sé padre de las virtudes y padrastro de los vicios...”, (...) “visita las cárceles, las carnicerías e las plazas”. E mais: “Escriba a tus señores y muestratdeles agradecido”. Assim como certas contradições: “No hagas muchas pragmáticas...” e até mesmo rasgos de latinismo: “Amicus Plato, sed magis amica Veritas” (Seja amigo de Platão mas, muito mais, amigo da Verdade).¹⁹

Cervantes pode nos ter ensinado ainda no limiar dos Estados Modernos que um governo é constituído mesmo cada vez mais para quem tenha a coragem de se passar por néscio — se não corrupto — e ser manobrado a revelia por grupos ou vontades alheias a fim de ocupar cargos. A própria obrigatoriedade do cumprimento de cerimoniais, a incompetência dos ministérios com assuntos de suas pastas etc., tudo isso à sua vez gera, em termos particulares, o distanciamento do homem “sabedor de suas medidas” e prudente e, em termos gerais, a articulação do desequilíbrio da normalida-

de social em que os vários setores descontentes das classes sociais são abafados em suas reivindicações conforme a estrutura do poder vigente seja mais ou menos opressora.²⁰

Pena que Don Quijote, de fato "ingenioso", não possuía a astúcia do "Príncipe", de Maquiavel, arma necessária aos governantes dos Estados Modernos. Pelo menos assim poderia assumir conscientemente sua ignomínia, despojar-se de suas fantasias e se entregar à estrutura e à manha governamental para dela tirar o máximo proveito ou no mínimo algum proveito prático à medida de sua esperteza ou sua audácia; uma postura então justificável não só para o tempo de Cervantes.

1.2.2 — Função social específica do indivíduo frente à organização política do Estado.

Acaba-se o sonho. Acaba-se principalmente para Don Quijote que, depois de sua queda, prefere agora ficar de olhos abertos à realidade e decide partir para a ação social conforme compete à sua alçada: "Muchos pensamientos fatigaban a Don Quijote antes de ser derribado, muchos mas le fatigaban después de caído".²¹

Agora como pastores, encostados à sombra de uma árvore, dialogam articulando palavras mais doloridas, prenes de sabedoria que a História lhes transmitira por experiência e despojadas daquele espírito anterior: "Yo no tuve esperanzas que darle, ni tesoros que ofrecerle, porque las mias las tengo entregadas a Dulcinea, y los tesoros de los cabalheros andantes son como de los duendes, aparentes y falsos..."²²

Apresenta-se a sugestão em torno da mudança completa neste modo de posicionar-se sobre as coisas. E aí que Cervantes nos convida a meditar sobre a concreitude das pessoas e dos fatos sociais; cada um em seu devido lugar, mesmo em processo de aprisionamento. Cada um mostrando uma mínima possibilidade de ação a seu modo e que forma, junto a outro, o todo em potencial de modo a poder estabelecer assim a dialética de libertação que não parte de iniciativa de "um salvador de todos", passando pelo "risco da alteridade" — uma vez que ainda a esta altura Sancho continua pensando diferentemente de Don Quijote — e visando uma ação pedagógica no interior das mesmas organizações políticas em vista de uma transformação lenta, paciente e gradativa.

Ao que nos parece a emergência de uma "conversão pessoal" em torno dessa pedagogia não é um convite que implica quietismo, entrega, nem aprisionamento ao real no sentido de que o afrontamento cauteloso e paciente da verdade dos fatos pode não surtir efeitos imediatos mas é preferível ao distanciamento da realidade proposta pela aventura, pelo sonho ou, pior ainda, pela alienação. E é na afronta a este aprendizado que o indivíduo livre, não tanto enquanto condição — se puder sê-lo tanto melhor — mas enquanto estado de consciência, principalmente, pode se fazer SUJEITO DA HISTÓRIA no permanente desequilíbrio entre ele mesmo, o outro e as estruturas que o cercam; entre os que se entregam ao domínio fácil ou à manipulação das estruturas e que contra elas reagem numa ânsia de libertação que a todos é inerente por natureza, ricos ou pobres, brancos ou negros, cidadãos ou camponeses, (etc). Nenhum homem nasce para a morte, para a entrega; mas a vida de muitos parece contradizer este dado natural. É a experiência da vida que mostra em seu bojo este árduo aprendizado: "Yo comparé algunas ovejas, y todas las demás cosas que al pastoral ejercicio son necesarias, y llamandome yo 'el pastor Quijotis', y tú 'el pastor Pancino', nos andaremos por los montes, por las selvas y por los prados, cantando aquí endechando allí, bebiendo de los líquidos cristales de las fuentes, o ya de los límpios arroyelos, o de los caudalosos rios".²³

Neste duplo aprendizado a situação se inverte. Enquanto Don Quijote ainda continua insistindo em pisar nas nuvens da aventura, mas agora na aventura mais

situada na direção de suas possibilidades, na paixão pelo pastoreiro, Sancho Panza só pretende mergulhar-se no sonho. Não o sonho de Don Quijote, mas o sonho do sono, da indolência, sem a desenfreada paixão pela glória, pelo poder ou qualquer outra paixão “quijotesca”. E quer dormir um pouco, fugir de toda a agitação, repousar sua obesidade naqueles prados, pois a realidade lhe fora doída por demais em todo o pesadelo narrado por Cervantes: “...solo entiendo que en tanto que duermo, ni tengo temor, ni esperanza, ni trabajo, ni gloria; u bien haia el que inventó el sueño, capa que quita la hambre, agua que ahuyenta la sed, fuego que caliente el frio, frio que temple lo ardor, y, finalmente, moneda general con que todas las cosas se compran, balanza y peso que iguala el pastor con el rey y al simple con el discreto. Sola una cosa tiene mala el sueño, según he oído decir, y es que se parece a la muerte, pues de un dormido a un muerto hay mui poca diferencia”.²⁴ E sancho de certa forma se acomoda mesmo que em toda novela tenha pisado por terra mais do que seu companheiro.

A resposta desse “testa-de-ferro”, desse homem ferido em sua aprendizagem, nos permite no final da obra perceber certa sapiência do homem frente à sua história pessoal e à História Humana que o machuca, do homem que continua relutando para se impor como sujeito mas agora, mais do que nunca, com os pés no chão: “Duerme tú, Sancho, que nasciste para dormir, que yo, que nasci para velar, en el tiempo que falta de aqui al día, daré rienda a mis pensamientos, y los desfogaré en un madrigaleta que, sin que tú lo sepas, anoche compuse en la memoria.”²⁵ Resta-lhe declamar um belo poema neste ato de descanso que não passa de uma atenta vigília.²⁶

É preciso compreender que a partir da “práxis” se estabelece a verdade ou a mentira do indivíduo que quer se tornar agente, fazer-se sujeito-atuante, seja quem for, esteja onde estiver. A luta do proletariado, a luta sindical, estudantil, a luta democrática dos partidos deveras representativos, tudo isto nos mostra que as estruturas dos sistemas podem ser bem engendradas mas jamais serão perfeitas; jamais, pelo menos enquanto a História do Homem, a partir dos surtos de verdadeira consciência, versada em habilidosas pedagogias de ação, for articulada por homens “espiritualmente” livres ou pelo menos que pretendam se conhecer para poderem se libertar — uma espécie de ascese — e assim poderem se postar como agentes, independentemente dos modelos de opressão, do cativeiro físico, cultural, psicológico, das limitações de cada um em seu devido lugar ou função. Só assim as sociedades humanas não precisam ser vistas como gigantes desalmados e invencíveis.

2.0 — TENTATIVA DE CONCLUSÃO

Quando os heróis avistaram o vilarejo e Sancho pediu que esta abrisse os braços e os acolhesse, a ele e a seu companheiro de aventura, “... si no mui rico, mui bien azotado”²⁷, Don Quijote o adverte com experimentada astúcia: “Déjate desas sandeces y vamos con pié derecho a entrar en nuestro lugar, donde daremos vado a nuestras imaginaciones, y la traza que en la pastoral vida pensamos ejercitar”.²⁸

Don Quijote aprendeu a ser pastor, simplesmente ! Aprendeu a dura lição de se fazer sujeito — e não sozinho — porque aprendeu, às duras penas e por isso mesmo, a tornar-se lúcido.²⁹

BIBLIOGRAFIA

- FREIRE, Paulo R., **Educação, Libertação e Igreja**, (mimeógrafo), traduzido da edição “Las Iglesias, La Educación y el Proceso de Liberación en la Historia” — SP de Silva e René Krüger, Buenos Aires, Ed. La Aurora Argentina, 1ª edição, 1975, 24 págs.

- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich., **Textos**, volume I, São Paulo, Ed. Sociais, 1ª edição (sem tradutor), 254 págs.
- PAPINI, Giovanni, **Diário**, São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1ª edição, 1966, vol. 71, col. Bibl. do Espírito Moderno, série 3ª trad. Carla Inama de Queiróz, 459 págs.
- PEREIRA, L. C. Bresser., **Tecnoburocracia e Contestação**, Petrópolis, Vozes, 1ª edição, 1972, col. Contracultura, nº 3, 306 págs.
- SAAVEDRA, Miguel de Cervantes, **Don Quijote de La Mancha**, 2 vols. Barcelona, Editorial Juventud, 1ª edição, 1955, 1143 págs.
- VÁRIOS, **Reflexão**, nº 2, vol. II, PUC-Campinas, Ed. Cortez & Moraes, abril, 1976, 188 págs.
- VAZ, Henrique C. de Lima, **Ontologia e História**, São Paulo, Duas Cidades, 1ª edição, 1968, col. Questões Abertas, nº 1, 340 págs.
- VÉDRINE, Helene, **As Filosofias da História, (Decadência ou crise ?)**, Rio de Janeiro, Zahar, 1ª edição, 1977, trad. Nathanael C. Caixeiro, 187 págs.
- WEIL, Eric, **La Logique de la Philosophie**, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 2ª edição, 1974, 442 págs.

NOTAS:

- (1) Conferir, a este respeito, a obra filosófica do Pe. Henrique Vaz, **Ontologia e História**, São Paulo, Duas Cidades — 1ª edição, 1968 e o artigo do mesmo autor, "A História em Questão", in Revista **Síntese**, nº 1, vol. I, jan-junho, 1974, Soc. Bras. de Educação, Rio de Janeiro.
- (2) O que queremos afirmar com esta espécie de dicotomia indivíduo-sujeito é, simplesmente, o fato de acentuar a primazia do primeiro sobre o segundo como um grau mais elevado de atuação, de posicionamento frente ao mundo, ou mesmo, como um ideal a ser alcançado pelo primeiro em matéria de dialética histórica.
- (3) A propósito desta distinção: astuto e ingênuo, conferir toda a obra de filosofia educacional de Paulo Freire, em especial o opúsculo: "Educação, Libertação e Igreja" (mimeógrafo) traduzido da edição: "Las Iglesias, La Educacion y el Proceso de Liberacion en La História" — SP de Silva e René Krüger, 3ª edição. Ed. La Aurora Argentina, B. Aires, 1975.
- (4) Trata-se da novela **Don Quijote de La Mancha**, de Miguel de Cervantes y Saavedra, 2 vols., Barcelona, 1ª edição, Ed. Juventud, 1955, 1143 pp.
- (5) Conferir o capítulo VIII do vol. I, pp. 81 — 89. "Del buen suceso que el valeroso Don Quijote tuvo en la espantable y jamás imaginada aventura de los molinos de viento, con otros sucesos dignos de felice recordación".
- (6) Cf. opus cit. livro I, p. 82.
- (7) Ibidem.
- (8) Podemos indagar, a propósito desta relação indivíduo-poder, qual das situações individuais é mais aceitável em termos de ação concreta, se a covardia de um Príncipe Hamlet, da Dinamarca, na genial criação teatral de Shakespeare — que tinha todo o poder nas mãos, mas não gozava de capacidade humana suficiente para governar, ou se a situação de um Don Quijote que, elevado ao poder movido pelo ímpeto de governar a todo o custo, mas não podia se assenhoriar, verdadeiramente, do poder que lhe fora emprestado. Aqui uma questão de ótica ou, mais ainda, de conversão.

Enquanto Hamlet precisava despojar-se de sua mediocridade, necessitava Don Quijote aprender a ser menos afoito e pôr os pés no chão.

(9) Cf. opus cit. vol. I, p. 83. Interessante lembrar aqui as palavras do escritor italiano Giovanni Papini: “Os grandes escritores mostram predileção pelos delinquentes. Dante, pelos culpados; Milton, por Satã; Shakespeare, pelos assassinos; Dostoiévski, por Roskolnikov e Ivã Karamazov; Vítor Hugo, pelos bandidos, os condenados ao trabalho e à morte e, por que não dizer? Cervantes pelo Quijote, Kafka por Gregor Samsa etc. Se a arte é libertação, — continua — é autobiografia, deveríamos concluir que os escritores todos têm, em si, algo de criminoso e que conseguem salvar-se, porém, com a fantasia”. (in *Diário*, São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1ª edição, 1966, p. 91).

(10) Ernst Bloch, confrontando o sistema hegeliano com a dialética marxista, afirma que esta se torna real quando se critica a si mesma como “cânon” crítico do próprio mundo, método que permite, segundo o autor suíço, pôr os pés na realidade mediando-se no mundo em se realizar mudanças concretas. (Cf. *Rev. Reflexão*, vol. 2, nº 11, PUC-Campinas, abril, 1976, pp. 29 — 42). O autor o diz, a propósito da 11ª tese de Marx sobre Feuerbach, onde encontramos a afirmação textual: “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo indiferentemente, cumpre transformá-lo”. (Cf. a tradução destas teses nos *Textos de Marx e Engels*, vol. I, São Paulo, Ed. Sociais, 1ª edição, 1977, pp. 118 a 120).

(11) A despeito de se encontrar no discurso racional certa dose de “violência” frente ao mundo que precisa ser “filosofado” e transformado, ver a obra excepcional de Eric Weil, *La Logique de La Philosophie*, especialmente a sua ampla introdução “Philosophie et Violence”, pp. 3 — 86, onde este autor neo-hegeliano, define com clareza a posição do discurso filosófico frente ao mundo ou à História; Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 2ª edição, 1974.

(12) Sartre, aprofundando a dialética e exorcizando os fantasmas de seu dogmatismo, acredita que sua fragilidade teórica provém não do conteúdo de suas descrições, mas da impossibilidade que encontramos para determinar seu estatuto. Ora, sabemos que a “praxis” só se compreende a si mesma no desequilíbrio entre a passividade e a tentativa de agir, a inércia e a “violência” da ação transformadora etc. E o filósofo francês, para evitar as armadilhas de um pensamento que se instala nas suas estruturas, sugere a descrição do confronto entre necessidade e liberdade das relações do indivíduo com o mundo nessa experiência. (Conferir esta exposição no capítulo “Escassez, Violência e Razão Dialética em Sartre” no livro de Hélene Védrine: *As Filosofias da História*, Rio de Janeiro, Zahar, 1ª edição, 1977, pp. 93 — 117.

(13) Apresentada de forma muito original, a dialética em Sartre sugere-nos algo ao mesmo tempo sofrida e feita. “Sofrida — diz Védrine — porque o homem faz a História na base das condições anteriores, feita porque a História resulta da atividade dos homens, (...) ...Sem que a História recaia na espécie de fatalidade hegeliana em que se encadeiam os diversos movimentos do vir-a-ser através das contradições. Neste caso — segue a autora — se a dialética surge ao mesmo tempo como força, não confunde com a visão esteotipada da “Gestalttheorie” ou a estruturas relativamente estáveis” (op. cit. pp. 96 — 97).

(14) Op. cit. vol. II, p. 1098.

(15) A exemplo do capítulo XXII: “De lo que aconteció ao famoso Don Quijote en Sierra Morena, que fué una de las más raras aventuras que en esta verdadera história se cuentan”. (vol. I, pp. 216 — 228). Ou, o capítulo XXXIX em que o protagonista, mesmo na prisão, conta suas aventuras, sua paixão pelo poder, pela liberdade, fama, aventura: “Donde el cautivo cuenta su vida y sucesos”, (vol. I, pp. 407 — 415).

(16) Cf. PEREIRA, L. C. Bresser, *Tecnoburocracia e Contestação*, Petrópolis, Vozes, 1ª edição, 1972, 306 págs.

(17) Idéia que não se relaciona diretamente com a do liberalismo de inspiração francesa ou capitalista.

(18) Estes trechos de correspondência entre Don Quijote e Sancho Panza se encontram no vol. II, (cap. II — pp. 946 — 951), da obra citada.

(19) Ibidem.

E as respostas de Sancho nos parecem sugestivas: "La ocupación de mis negocios es tan grande que no tengo lugar para rascarme la cabeza, ni aún para cortarme las unás..." ou, "...tengo grandísimo deseo de saber del estado de mi casa y de mis hijos" (Ibidem, pp. 946 — 951).

(20) É evidente que se colocarmos isto em termos de luta de classes, por exemplo, tornar-se-ia este escrito uma análise muito "contemporânea" da situação. Por que não admitir, contudo, que Cervantes "anteviu" toda a problemática de opressão do homem pelo sistema capitalista ocidental mesmo distanciado de todo este clima e de toda essa linguagem sociológica do séc. XX ?

(21) Cf. opus cit. Livro II, cap. LXVII, pp. 1064 ss. Ver ainda na mesma página: "De la resolución que tomó Don Quijote de hacer-se pastor y seguir la vida del campo, en tanto que se pasaba el año de su promesa, con otros sucesos en verdad gustosos y buenos".

(22) "Abre los brazos e recibe también tu hijo Don Quijote, que si viene vencido de los brazos ajenos, viene vencedor de sí mismo; que, según él me ha dicho, es el mayor vencimiento que desearse puede". (op. cit. vol. II, p. 1098). Conferir citação do texto utilizado no mesmo volume à p. 1065.

(23) Op. cit. vol. II, p. 1066.

(24) Op. cit. vol. II, p. 1071.

(25) Op. cit. vol. II, p. 1072.

(26) Op. cit. vol. II, p. 1073. Trata-se do seguinte poema do italiano Pietro Bombo:

"Amor, cuando yo pienso
 en el mal que me das, terrible e fuerte,
 voy corriendo a la muerte,
 pensando así acabar meu malimmenso;
 mas en llegando ao paso
 que es puesto en este mar de mi tormento
 tanta alegría siento,
 que la vida se esfuerza y no le paso
 Así el vivir me mata
 que la muerte me torna a dar la vida.
 — Oh ! condición no oída
 la que conmigo muerte y vida trata" !

(27) Cf. op. cit. vol. II, pág. 1098.

(28) Cf. op. cit. vol. II, pág. 1099.

(29) Agora talvez tenhamos razão de sobra para preferirmos Don Quijote ao Príncipe Hamlet.